

Trajetória pedagógica de Luiz Beltrão

José Marques de Melo

Universidade de São Paulo

Quando, em dezembro de 1984, a então ministra da Educação e Cultura, Esther de Figueiredo Ferraz, fazia Entrega da Medalha Comemorativa do Cinquentenário da Universidade de São Paulo ao professor Luiz Beltrão, homenageando-o como Pioneiro do Ensino de Jornalismo no país, o Estado brasileiro reconhecia publicamente os méritos de um educador e jornalista que vem prestando relevantes serviços à formação universitária dos nossos comunicadores coletivos.

No depoimento que ofereceu aos participantes do I Curso de Aperfeiçoamento para Professores de Jornalismo, realizado em São Paulo como evento da programação do 50.º aniversário da USP, Luiz Beltrão relatou com simplicidade as suas andanças pelos estados nordestinos (Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará), onde abriu picadas para o fortalecimento e a institucionalização de núcleos dedicados ao treinamento de jornalistas e à pesquisa de fenômenos regionais da comunicação.

Foi esse seu pioneirismo que motivou o Centro Internacional de Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, recém-criado pela UNESCO no Equador, a convidá-lo para assumir a cátedra de Metodologia do Ensino de Jornalismo, ampliando assim as suas experiências pedagógicas e os seus conhecimentos profissionais para as novas gerações de professores de jornalismo que despontavam, no início da década de 60, em todo o continente.

O contato com o CIESPAL lhe foi duplamente significativo. De um lado, porque encontrou legitimação internacional para um trabalho que era minimizado no seu ambiente geocultural (nunca esqueçamos que os programas de ensino superior para jornalistas e outros comunicadores coletivos enfrentaram originalmente barreiras poderosas). De outro lado, porque se abasteceu de idéias para atualizar e contextualizar sua ação pedagógica, alinhando-a com as tendências emergentes nos principais centros metropolitanos. Tanto assim que o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, criado sob a sua direção, estrutura-se articulado com o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), primeira entidade brasileira a se voltar para a reflexão e a pesquisa sobre os processos comunicacionais.

Baseado no Recife, mas integrado com os principais centros culturais do país e do exterior, Luiz Beltrão inicia uma nova fase na sua vida intelectual, até então exclusivamente dedicada ao jornalismo. Converte-se em *scholar* e leva às últimas conseqüências a sua opção acadêmica. Dedicar-se com afinco ao estudo, recuperando o *gap* teórico decorrente da sua militância no *front* da notícia e do comentário jornalístico. Transforma-se em animador cultural, forjando uma equipe de pesquisadores que depois assumiria papel de lide-

rança nacional na comunidade acadêmica do setor da comunicação. Atua como divulgador das novas tendências de pensamento no campo da teoria da informação e da indústria cultural, projetando autores e escolas, submetendo livros e documentos ao debate dos grupos que se formam ao seu redor.

O grande projeto de Luiz Beltrão sempre foi constituir uma equipe interdisciplinar que atuasse sob a sua orientação para realizar um inventário da comunicação brasileira, desvendando os seus diferentes aspectos (técnicos, profissionais e culturais) e analisando-os à luz dos parâmetros teóricos cultivados pelo mundo universitário. No Nordeste, ele tinha consciência de que o projeto era uma utopia, pelas limitações econômicas existentes numa região secularmente estigmatizada pela pobreza. Por isso, deixou-se fascinar pelo convite que lhe dirigiu a Universidade de Brasília para coordenar sua mais nova unidade, a Faculdade de Comunicação de Massa. Entretanto, as aparentes facilidades administrativas e financeiras desse centro educacional público, erigido com apoio do governo federal, esbarraram na instabilidade política criada pelo regime autoritário pós-64, circunstância que acabaria por desfigurar a própria Universidade.

O embrião desse projeto foi o ICINFORM e seu veículo foi a revista *Comunicações & Problemas*. Ambos consumiram energias e esperanças de Luiz Beltrão. Mas também suas finanças, pois, sem contar com subsídios públicos, ele acabava por arcar pessoalmente com as despesas de gráfica, correio, serviços administrativos. Os cursos e seminários promovidos pelo ICINFORM despertaram muitos talentos, conquistando-os para o estudo da comunicação de massas. Os artigos e ensaios publicados pela revista alimentaram o interesse acadêmico de professores e pesquisadores, nas universidades, nas empresas de comunicação, nos sindicatos e associações profissionais. As duas iniciativas duraram cinco anos, começando no Recife em 1965 e terminando em Brasília em 1969.

Desiludido com as possibilidades de construir uma equipe acadêmica autônoma, Luiz Beltrão canalizou todo o seu potencial analítico para a elaboração de uma obra que servisse de apoio às novas gerações de pesquisadores da comunicação. A tarefa que gostaria tivesse sido realizada por uma plêiade, ele a enfrentou sozinho e conseguiu concretizar.

É bem verdade que, mesmo não agrupando seus colaboradores num espaço físico determinado, à semelhança dos líderes intelectuais que implantaram cátedras ou criaram núcleos de pesquisas, Luiz Beltrão desempenhou um papel de orientação à distância, animando antigos alunos, criticando suas pesquisas, sugerindo temas, cobrando avanços e recuos metodológicos, respaldando-os cientificamente. Quando se fizer um inventário das influências positivas que determinadas personalidades tiveram na pesquisa em comunicação no Brasil, um capítulo significativo lhe será reservado.

Sua obra pessoal contemplou duas vertentes acadêmicas: a teoria do jornalismo e a teoria da comunicação.

A primeira contribuição para a teoria do jornalismo é o livro *Iniciação à filosofia do jornalismo* (Rio de Janeiro, Agir, 1960), que conquista o Prêmio Orlando Dantas, do Diário de Notícias, e suscita a atenção dos meios profissionais pela sua originalidade. Diversamente das obras escritas por jornalistas, quase todas enveredando pelo historicismo, memorialístico ou não, ou pelo legalismo, o seu ensaio contextualiza a atividade da comunicação pública, destacando o seu ângulo noticioso e situando-o no arcabouço sociopolítico que reproduz e afeta. Trata-se de um livro que se torna clássico imediatamente e serve de ponto de partida para inúmeros estudiosos que prosseguiriam a análise dos fenômenos jornalísticos brasileiros.

As teses expostas e defendidas nessa obra de estréia são retomadas no plano didático em dois trabalhos que tiveram circulação restrita no país: as apostilas *Métodos en la enseñanza de la técnica del periodismo* (Quito, CIESPAL, 1963) e *Técnica de jornal* (Recife, ICINFORM, 1964). O primeiro é o roteiro das aulas que ministrou em Quito, transmitindo a professores e jornalistas latino-americanos a sua experiência na formação de profissionais para a imprensa no Brasil. O segundo é o conjunto das anotações que fez para as suas primeiras aulas de "Técnica de jornal e periódico" na Universidade Católica de Pernambuco, lidas e discutidas pelas turmas que tiveram o privilégio de tê-lo como mestre.

Como desdobramento pedagógico e síntese de divulgação teórica, ele resgata toda a sua maturidade como professor de jornalismo e planeja uma trilogia didática, que se configurou através dos livros: *A imprensa informativa* (São Paulo, Folco Masucci Editor, 1969), *Jornalismo interpretativo* (Porto Alegre, Sulina, 1976) e *Jornalismo opinativo* (Porto Alegre, Sulina, 1980). Nesses manuais, construídos com sensibilidade educativa e competência profissional, ele traça um roteiro seguro e criativo para a aprendizagem dos processos de informação de atualidade pelos jovens jornalistas que se nutrem nos bancos universitários. Mas afloram também questões de interesse para os professores da área, muitas das quais têm sido retomadas ou aprofundadas em monografias ou teses de pós-graduação.

No plano da teoria da comunicação, sua atividade bifurcou-se em dois segmentos: a produção de conhecimento novo e a difusão do conhecimento sistematizado.

A pesquisa original a que se dedicou — Folkcomunicação — representa uma das poucas e singulares contribuições brasileiras para a teoria da comunicação. Ela está explicitada na tese de doutoramento que defendeu na Universidade de Brasília, em 1967, origem dos livros: *Comunicação e folclore* (São Paulo, Melhoramentos, 1971) e *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (São Paulo, Cortez, 1980).

A preocupação vulgarizadora encontra-se dispersa em inúmeros artigos ou ensaios publicados nos suplementos culturais dos jornais diários, nas páginas de revistas especializadas, nos textos de conferências que proferiu em congressos e seminários. A única tentativa de reunir trabalhos dessa natureza foi encetada através do livro *Sociedade de massa: comunicação & literatura* (Petrópolis, Vozes, 1972).

Mas se inclui também no seu esforço de divulgação científica a elaboração de manuais destinados aos estudiosos que se iniciam no campo da comunicação. A exemplo do que ocorrera no setor do jornalismo, Luiz Beltrão concebe uma trilogia para introduzir os interessados no conhecimento da teoria da comunicação. E toma como ponto de referência as aulas ministradas aos seus alunos do Centro Universitário de Brasília. Escreve, inicialmente, *Fundamentos científicos da comunicação* (Brasília, Thesaurus, 1973) e, depois, *Teoria geral da comunicação* (Brasília, Thesaurus, 1977). A série se completa, agora, com *Teoria da comunicação de massa*, que a Summus Editorial lança em São Paulo na sua coleção "Novas Buscas em Comunicação".

Esta é uma obra terminal, que completa o ciclo da produção universitária de um grande mestre, enfeixando textos preliminarmente debatidos por alunos de graduação e pós-graduação no Curso de Comunicação Social do CEUB, em Brasília. Sua significação peculiar advém do fato de haver o autor principal colimado o desejo de trabalhar conjuntamente com um dos seus discípulos.

Newton de Oliveira Quirino se dispôs a colaborar com mestre Beltrão, de cujos conhecimentos e orientação metodológica se beneficiara como aluno e depois como assistente acadêmico, vindo a sucedê-lo na cadeira de teoria da comunicação do CEUB. Este livro concretiza de alguma maneira a utopia acalentada nos idos do Recife e nos tempos heróicos de Brasília, quando Luiz Beltrão pretendia romper com o trabalho solitário da vida acadêmica, tornando-o participativo, cooperativo, solidário.

Estão reunidas aqui a experiência e maturidade de mestre Beltrão, a disciplina e dedicação do já também mestre Quirino, que se reforçam e se completam.

Acredito que os estudantes dos nossos cursos de Comunicação Social muito se irão beneficiar da sistematização dos conteúdos aqui resgatados e organizados. Este livro preenche uma lacuna na bibliografia brasileira de comunicação, pois as incursões didáticas feitas por Adísia Sá, Décio Pignatari e Marcelo Azevedo restringiam-se a aspectos genéricos do processo de comunicação, em suas articulações com a linguagem, a cultura e a cibernética, pouco avançando em direção ao complexo da comunicação de massas. Restava aos docentes que atuam na área recomendar aos alunos, como suporte pedagógico, a leitura de textos produzidos por autores de outros países, como Morin, Eco, Moles, Schramm, Lazarsfeld, Riesman, Habermas, Enzensberger, Burgelin, Aranguren, Escarpitt, Pasquali, Beltran ou Mattelart. Ou então, recorrer aos autores nacionais — Caparelli, Muniz Sodré, Teixeira Coelho — que haviam oferecido contribuições específicas, limitadas a fragmentos da questão.

Os *subsídios* que Beltrão e Quirino coletaram, ordenaram e trabalharam para configurar uma *Teoria da comunicação de massa* partem do pressuposto de que o estudo dos processos de reprodução simbólica, vigentes no jornal ou na televisão, na editoração ou na propaganda, são determinados pelos modos de produção material e espiritual existentes nas sociedades que se industrializam. Daí a indispensável explicação dos mecanismos que estruturam a sociedade contemporânea, interferindo na vida social e condicionando a engrenagem da comunicação de massa. Valendo-se das noções socioculturais que estão na base da sociedade de massas e dos elementos superestruturais que conformam o seu universo ético-político e estético-ideológico, os autores descrevem o funcionamento dos sistemas de comunicação de massa, privilegiando seus instrumentos de expressão (códigos, mensagens) e reprodução (controles, efeitos).

No estilo dos clássicos manuais europeus e norte-americanos, os autores resenham os conceitos fundamentais, destacam o posicionamento dos autores e das escolas, sugerem reflexões e pesquisas, completando tudo isso com anotações bibliográficas que orientam os interessados para o aprofundamento da aprendizagem nas fontes de que se valeram didaticamente.

Ao produzirem conscientemente um manual universitário, os autores atravessam uma fronteira quase não ousada na experiência recente do ensino de comunicação no país. É que os vícios do patrolhismo ideológico, do falso vanguardismo e do humanismo *demodée*, ingredientes da síndrome antiautoritária, deixaram seqüelas na vida universitária brasileira, estimulando práticas pedagógicas que procuram “queimar etapas” (não li e não gostei), “simplificar” (não conheço, mas acho) e “pragmatizar” (passando dos entretanto aos finalmente). Toda uma geração foi formada sem adquirir visão histórica, sem compreender o conjunto, sem perceber as diferenças, sem identificar variáveis, sem discernir tendências. Embalados pelo canto de sereia da “crítica pela crítica”, muitos docentes e discentes confundiram estrutura e conjuntura, uniram passado e presente, mesclaram tempo e espaço. E se tornaram, ao mesmo tempo, acrílicos, apolíticos, acientíficos, palmilhando as trilhas estreitas do monografismo, das análises de conjuntura, dos estudos de

caso, das amostras qualitativas, do reducionismo metodológico, do experimentalismo etc, etc.

Se, por algum tempo, a aula, entendida como exposição-síntese do professor, foi marginalizada da vida universitária, cedendo lugar ao seminário, exposição improvisada dos alunos que se prolongava em dinâmica de grupos "livremente" estruturados, é compreensível que a leitura sistemática tenha desaparecido e que em substituição aos manuais ou tratados surgissem os fragmentos de textos, os recortes de capítulos. O populismo pedagógico e a miopia didática, ufanisticamente proclamados como inovação educativa, acabaram por deteriorar a qualidade do ensino e atrofiar a pesquisa. Essa política liberadora, que se inspira nas barricadas de maio de 1968 na Sorbonne, e se robustece no ambiente repressivo instaurado no Brasil pelo AI-5, estimulando a rebeldia e a desobediência civil, acabaria por debilitar as nossas universidades. Nas escolas de comunicação, ainda recentes na estrutura acadêmica brasileira, os seus efeitos foram quase fulminantes.

Por isso, é muito bom que as novas gerações de estudantes de comunicação possam dispor de fontes pedagógicas como este livro de Beltrão e Quirino, para apreender a totalidade do fenômeno da comunicação de massa, e, a partir do seu conhecimento fundamental, aventar hipóteses, indicar contradições, propor mudanças.

Luiz Beltrão completa, com esta obra, a tarefa que se impôs no plano científico, mas dá também uma lição de despojamento intelectual. Resgata a significação do manual universitário e faz dessa modalidade de expressão didática, em regime de co-autoria, o signo do seu apogeu acadêmico.

É um exemplo que pode inspirar tantos professores universitários a fazerem do seu cotidiano pedagógico não um mero ato de transferência de conhecimentos, mas de sistematização e de recreação.

Beltrão demonstrou como um pesquisador pode atuar concomitantemente na esfera da produção e da divulgação. E ao completar sua *missão*, retirou-se gratificado para o terreno da literatura, deliciando-se com a descoberta de personagens, cenários, situações, que povoam sua memória, e ressurgem agora vitalizados pela força da ficção.

Nos últimos encontros que mantivemos em Brasília, encontrei Beltrão desfrutando o merecido descanso da sua aposentadoria, vivendo numa chácara (Mansão Olinda), onde escreve contos e novelas. Recentemente, lançou o romance *A Greve dos desempregados* (São Paulo, Cortez, 1984), uma estória contundente e perspicaz, que revela uma outra dimensão do repórter que nunca deixou de ser, cujo único testemunho é o seu livro de reportagens *Itinerário da China* (Recife, 1959). O seu filão romanesco na verdade não fora interrompido. Inicia-se com *Os senhores do mundo* (Recife, Academia de Letras de Pernambuco, 1950), romance que conquistou o Prêmio Othon Bezerra de Melo, tem continuidade no livro de contos *Quilômetro zero* (Recife, Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco, 1960) e nos romances *As sombras do ciclone* (Petrópolis, Vozes, 1968) e *A serpente no atalho* (Brasília, Coordenada, 1974).

Ao terminar a redação de *Teoria da comunicação de massa*, várias vezes interrompida pela atração que a literatura ficcional ou memorialística lhe inspirava, mas retomada pela persistência e abnegação de Newton Quirino, que cuidou da preparação final dos originais, Luiz Beltrão me dizia: "Agora estou tranqüilo. Cumpri minha tarefa acadêmica. Posso enfim dedicar-me ao que sempre me apaixonou: a criação literária".

Foi em plena emoção do ato criativo dos contos de Olinda e Olanda que Mestre Beltrão viu-se arrebatado pelo bloqueio de sua função circulatória,

circunstância que o retirou do convívio com os membros da Academia Brasileira de Letras. Felizmente sua capacidade de recuperação mostrou-se surpreendente, estimulada sem dúvida pelo carinho dos familiares e pelo afeto dos amigos.

Há pouco mais de um mês tive a satisfação de encontrá-lo confiante e radiante. A retomada dos mecanismos de expressão verbal mostra-se lenta, mas é sintomático que na nossa conversa ele tenha narrado a estrutura de um conto que assim volte a manejar a escrita certamente o porá no papel.

É assim mestre Luiz Beltrão. Forte, arrojado, perseverante. Sua faina acadêmica ele a transfere para os inúmeros discípulos, dos quais o mais próximo e dedicado é Newton Quirino. Mas persegue o desejo de continuar a caminhada literária, tecendo contos, romances, novelas. E seguramente o fará, para alegria e contentamento de sua grande legião de leitores, que se espalham por todo o país e terras vizinhas ou distantes.

Nota — O texto aqui reproduzido é o “Prefácio” que o autor redigiu para o livro de Beltrão-Quirino, *Teoria da comunicação de massa*, a ser lançado pela Summus Editorial no início do próximo ano.

REVISTAS LATINO-AMERICANAS DE COMUNICAÇÃO

CHASQUI — Revista Latino-americana de Comunicação

Assinaturas: US\$10,00 — CIESPAL: Apartado 584 — Quito —
Ecuador

Comunicación y Cultura

Assinatura: US\$15,00 — Apartado Postal 21572 — 04000
México-DF

Comunicación

Assinatura: US\$26,00 — Apartado 4838 — Caracas 1010-A,
Venezuela

Materiales para la comunicación popular

Assinatura: US\$25,00 — IPAL — Apartado 270031 — Lima —
Peru

Contratexto

Assinatura: Universidad de Lima — CICOSUL — Apartado 852 —
Lima — Peru

Signo y Pensamiento

Assinatura: US\$20,00 — Universidad Javeriana — Carrera 7^o
N^o 43-82 — Bogotá — Colombia